

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: aqui... além...
Mais este e aquele, o outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disse que se pode amar alguém
durante a vida inteira é porque mente!
Há uma primavera em cada vida:
é preciso cantá-la assim florida,
pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar.
E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
que seja a minha noite uma alvorada,
que me saiba perder... pra me encontrar...
Amar!

Florbelza Espanca, *A mensageira das violetas*, *Antologia: Seleção e Edição de Sérgio Faraco, L&PM Editores, 1997* –
<http://www.estantevirtual.com.br> – *Gentileza de Cincinato (Nato) Palmas Azevedo*

Inda vejo da varanda,
enfrente à igreja matriz,
o meu pai regendo a banda
e a praça toda feliz!

Eduardo A. O. Toledo, 1103 Trinos
do Pitiguari: R.Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Aquele encontro de olhares,
a minha vida mudou...
O tempo foi para os ares,
mas o encontro não passou.

Judite de Oliveira, 1502
Trevo na Trova
UBT – Seção de Taubaté/SP

Diluído numa taça de ouro a arder
Toledo é um rubi. E hoje é só nosso!
O sol a rir... Viv' alma... Não esboço
um gesto que me não sinta esvaecer...

As tuas mãos tateiam-me a tremer...
Meu corpo de âmbar, harmonioso e moço
é como um jasmineiro em alvorogo
ébrio de sol, de aroma, de prazer!
Cerro um pouco o olhar onde subsiste
um romântico apelo vago e mudo
– um grande amor é sempre grave e triste.

Flameja ao longe o esmalte azul do Tejo...
Uma torre ergue ao céu um grito agudo...
Tua boca desfolha-me num beijo...

Toledo

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIX, Nº 03 – 2015 MARÇO
Assinatura até 31.12.15: 09 selos postais
de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,95).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haiku.sf.nom.br ☀

- 5 Mais fácil usar uma arma do que mostrar coragem.
 - 6 A prova da coragem é não desanimar à derrota.
 - 7 A batalha se concentra onde está a coragem.
 - 8 A coragem pode mais do que a cólera.
 - 9 Não conheces tua coragem enquanto não provares o perigo.
 - 10 Todos são valentes quando o inimigo foge.
 - 11 De calcanhares precisa quem não tem coragem no peito.
 - 12 A coragem no perigo é meia vitória.
 - 13 A coragem defende o correto.
- A. C. Grayling, *Provérbios*, Capítulo 30: Coragem:
de O Bom Livro – Uma bíblia laica; Objetiva, 2011.

Lá em cima daquele morro
subi com facilidade,
mas, pra descer, quase morro,
tamanha a dificuldade...

Manoel Fernandes

O grego cantou vitória,
com seu cavalo de pau;
eu também entrei na história
pisando falso degrau.

Walter Rossi, 0803 Fanal:
Rua Álvares Machado 22, 2º.
01501-030 São Paulo/SP

1. Preencher os haikus que desejar, (veja quigos ao lado, à escolha) num mínimo de folhas **para cada grupo (quando mais de um!)**, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço e CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que cheguem seus **haikus** assim enviados e de **conteúdo abaixo**, serão publicados em nossas Seleções em Folha.

☀ **Paulo Franchetti**: O haicu é menos uma questão de forma do que de atitude. No Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES!



FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!



Até o dia **30.08.15**, quigos Beija-flor, Bem-te-vi, Catavento, Girino, Granizo, Ipê, Névoa, Pipa, Rã.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
05010-040 - São Paulo, SP.

ou mfmendez@superig.com.br

Por isso não gosto de haikus especiosos, em que a metáfora ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção. Isso é o que acho que o haicu tem de diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

algo novo para a nossa tradição.

Se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haicu do que um erudito, Bashô queria *recuperar* seu olhar num contexto de erudição e de formalidade: quando escreveu que as rãs pulam para dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexão e de investimento simbólico – a um conjunto de atitudes. Seu hocu inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em
FS9810, Seleções em Folha OUT/98.

HAICUS BRASILEIROS



TEMAS (QUIDAIIS)



DE OUTONO



O cantárida
inseto depois morto,
reduzido a pó...
Agostinho José G. de Souza

Sob o céu escuro
meninos em algazarra.
Festa dos tucanos.
Analice Feitosa de Lima

Some o casebre
na forte cerração:
fantasmagórico.
Denise Cataldi

No meio das lágrimas,
dificuldade pra ver.
Cerração bem próxima.
Fernando Vasconcelos

Louva-deus insiste,
entrar! – Vidraça fechada
Mãos... voo na sala!
Leonilda Hilgenberg Justus

Sereno goteja
cobre vidro de automóvel
que dorme na rua.
Renata Paccola

Entre os galhos verdes
dois esquitos se divertem
colhendo acerolas.
Ailson Cardoso de Oliveira

Pencas cor de vinho
abrindo-se nos xaxins.
São flores de maio.
Angelica Villela Santos

Um vaso adornado
com lindas flores de maio.
Textura de seda.
Djalda Winter Santos

Deu meia volta
próximo ao espantalho.
Ave prevenida.
Flávio Ferreira

Colheita de arroz.
Gente sorridente deita
ouro de seus cofos.
Manoel Fernandez

Versos na areia
um casal sob o luar
juras de amor.
Rosângela Aliberti

Vultos escondidos
no meio da cerração
esperando o sol.
Alba Christina

Olhos no ninho
tucano contemplando,
papai coruja.
Anita Thomaz Folmann

Baixa cerração.
Barco, pano encobertos –
pescador espera.
Edelice Edna de Carvalho

Convivas se apressam
que o robalo está servido...
Festa ao paladar!...
Hermoclydes Siqueira Franco

Cantam no terreiro.
Noite estrelada tão fria,
com fogueira acesa.
Maria App. Picanço Goulart

Cidra derramada
despacho pra pomba-gira
na encruzilhada.
Sérgio de Mesquita Serra

Data: 10 de março!
Genros e noras, alegres,
no Dia do Sogro.
Alda Corrêa Mendes Moreira

Jardim diferente
flor de maio embranquece
entre as folhagens.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Cerração embaça
a luz do farol.
acidente na estrada.
Edmilson Felipe

Garoto feliz
vai descarregando pinha,
deixando o pomar...
João Batista Serra

Perdido no mato
este velho pé de cidra –
quantos anos tem?
Neide Rocha Portugal

No centro do campo
a quaresmeira florida.
– Contemplo a paisagem.
Walma da Costa Barros

Brilha o luar
prateando os contornos.
Corpo de mulher.
Amauri do Amaral Campos

Tributo ao meu pai:
quaresmeira sobre a lápide
de granito negro...
Darly O. Barros

No canto da sala
crisântemo de ouro encanta,
suave aroma exala.
Fernando Soares

Eis o cantárida
um inseto miserável
só bom para médicos.
Jorge Picanço Siqueira

Na praia deserta,
luar banha o mar revoltoso.
Criação divina!
Olga dos Santos Bussade

No arbusto espinhoso
a cidra amarga e cascuda.
Doce trabalhoso.
Yeda Ramos Maia Patrício

E R O S E P I S Q U Ê

Salvador Nogueira, *Mitologia Superinteressante: Coleção Mitologia*, Livro 3 – Lendas, Editora Abril S.A., 2011.

(conclusão)
– **Você tem até o fim da tarde para separá-las todas conforme o tipo. E nem**ouse não executar a tarefa. Acredite em mim, será melhor para você cumpri-la.
Psiquê estava desconsolada. Era impossível que conseguisse fazer aquilo em uma semana, que dirá em uma tarde. Por outro lado, Afrodite saiu bem satisfeita. Estava certa de que o trabalho duro faria com que a beleza da princesa desaparecesse em pouco tempo. E seu filho Eros estava seguro em casa, longe da influência dela. "Perfeito", pensou Afrodite.

Mas o imponderável sempre entra em ação. Uma multidão de formigas que estava no chão se compadeceu de Psiquê. Elas caminharam laboriosamente na direção da pilha e separaram com precisão (e velocidade incrível!) todos os tipos de semente. No fim da tarde, quando a deusa retornou, ficou chocada com o inesperado sucesso da princesa.

– Não pense que só vai ficar nessa molezinha aí, não. Pegue aqui este pedaço de pão velho e durma por aqui mesmo. Amanhã virei ao teu encontro com uma segunda tarefa, que há de deixar-te um

pouco mais preocupada.

No dia seguinte, Afrodite instou Psiquê a visitar a margem de um rio. Na mata fechada ao lado, havia um conhecido rancho de ovelhas com tocos de outo.

– Vá até lá e me traga um pouco da preciosa lã.

Psiquê chegou à margem do rio, novamente, sem esperança. Como poderia encarrar as ovelhas furiosas no bosque e tomar-lhes o pelo? Olhou para o rio e pensou em jogar-se ali mesmo, acabando com o sofrimento. Mas foi abordada por um caniço que disse:

– Não faça isso, não se atire. Seu problema tem solução fácil. As ovelhas costumam vir à margem do rio para descansar de tempos em tempos. Quando assim o fizerem, você entra no bosque e recolhe a lã que certamente ficou presa aos arbustos. Aí está o seu toso de ouro!

Mais uma vez, a solução funcionou, e Afrodite não acreditava nos próprios olhos quando viu Psiquê de posse de um bom punhado de lã dourada.

– Está claro que teve ajuda! Mas quero ver como você se vira agora. Vê aquele rio negro que nasce naquela montanha ao

longe? É o Estige. Quero que suba a montanha e encha este cantil com suas águas.

Psiquê mais uma vez partiu, sem a menor ideia de como obterá sucesso, mas mais confiante, em razão dos últimos episódios, de que a sorte lhe sorriria novamente. E assim foi. Quando ela chegou próximo ao local, uma águia pegou o cantil pelo bico e levou-o até o rio, trazendo-o cheio às mãos da princesa. Afrodite começava a se exasperar de verdade e estava cega para o fato de que o destino parecia estar sorrindo para sua inimiga.

– Já que se saiu tão bem em tudo isso, vá para o inferno.

– Ei, não precisa xingar – respondeu Psiquê.

– Não xinguei. Estou falando sério. Todo o trabalho para cuidar de Eros, ferido pela

sua idiotice, está me deixando muito abatida. Vá até o mundo dos mortos e peça a Perséfone que me envie um pouco de sua beleza. Ela não me recusará o favor. Vá logo! Suma daqui.

E lá se foi Psiquê, passando por todas as provas necessárias para chegar até a esposa de Hades, nas profundezas do submundo. Teve de pagar a barca de Caronte e dar um bolo para que Cérbero, o cão de três cabeças que guarda o palácio do deus dos mortos, não a devorasse. Mas deu certo. E Perséfone não ousou recusar o pedido de Afrodite. Mandou um pouco de beleza numa caixa e entregou à princesa.

No caminho de volta, Psiquê enfrentaria sua última prova: curiosa pelo amuleto que transmitiria a beleza de Perséfone para Afrodite, ela decidiu abrir a caixa e dar uma espiada. Mas quando olhou para dentro, não havia nada lá dentro. E foi a última coisa que

viu, pois subitamente um sono profundo fez suas pálpebras cerrar e seu corpo desabar no chão.

Aquela altura, Eros já estava plenamente recuperado – e morrendo de saudade da esposa. Decidiu que iria perdoá-la, mas para isso precisava deixar a casa de Afrodite. A mãe havia trancado todas as portas, mas as janelas são saídas perfeitas para seres alados como ele. Num voo ligeiro, foi atrás de sua amada. Encontrou-a estatelada no chão, tirou-lhe o sono dos olhos e devolveu-o à caixa. Acordando, Psiquê ficou felicíssima de vê-lo. Ele abraçou-a longamente e disse:

– Vá levar isso a Afrodite e não se preocupe com mais nada. Seu sofrimento terminou. Deixe comigo.

Enquanto Psiquê entregava com sucesso o presente à deusa, Eros foi ter com Zeus.

– Zeus, é o seguinte: minha mãe está louca, depois que me casei com essa humana. Mas agora já era. É minha esposa.

Não tem jeito de transformá-la em deusa e trazê-la para morar conosco no Olimpo?

– Eros, Eros... você sabe que já deu muita dor de cabeça para mim, não é? Você fica disparando suas flechinhas por aí, e lá vou eu me transformar em touro, em cisne, para fugir da Hera e ir atrás de garotas lá embaixo... mas eu entendo bem a situação e preciso acima de tudo ser justo. Daremos ambrosia a Psiquê e ela se tornará uma deusa, morando consigo no céu!

Com o aval de Zeus, Afrodite teve de engolir. E naturalmente se tornou uma sogra um pouco mais palatável, uma vez que Psiquê, agora, além de ter deixado a mortalidade e se tornado uma igual a Eros, também passaria a viver longe da Terra, sem atrapalhar o culto e a veneração à verdadeira e única deusa da beleza.

Velhos tempos, Santo Amaro, um bairro com tradições, Praça Floriano Peixoto, com coreto e casarões, também a banda e a fanfarra, com sanfona e violões...

Santo Amaro tinha em massa a colônia alemã, eles gostam de dançar, comer, beber com afã, uma cerveja gelada, depois, torta de maçã...

Floriano Peixoto, a praça bem frequentada, a elite queria um restaurante para saciar o apetite,

reunir os amigos em festa, é um ótimo convite!...

Assim sendo, o Herr Fritz, amigo de todo mundo, arranhou um belo espaço, aconchegante e rotundo, decoração alemã, um jardim suspenso ao fundo...

tal qual casa da Bavária, parecia a Alemanha: ambiente aconchegante, nenhuma gente estranha, todos eram bem tratados, sem arrogância e manha...

Cardápio – tudo de bom:

strogonoff e eisbein, salsichão, goulash e inhoque, o chope de Lichtenstein, leite da mulher amada: era o vinho Liebfräumlchen...

Tinha freguês mestra cuca: inventava de improviso, os pratos extravagantes, entrava sem dar aviso, na cozinha, e caprichava, e logo saía um guiso...

Aplaudia o amigo Fritz, o dono do restaurante, a invenção do freguês, de comida extravagante, fazia correr o chope,

e uma música dançante...

Havia um grupo de dança que animava o salão, os cantores que entoavam, cantando em alemão, todo mundo acompanhava, sem saber a tradução...

Tudo que é bom dura pouco: o velho Fritz morreu, e nos bons anos setenta, a alegria esvaneceu, as portas dali fecharam, e o que era bom se perdeu...

A praça santamarense, sem o Fritz – quarenta anos,

fica a saudade a morar nos corações dos decanos... Tem o coreto, ainda, o último dos moicanos...

Mas, bem lá, no fim, do túnel, há uma luzinha brilhaante é a alma do amigo Fritz, que, lá no céu, radiante, acena a Santo Amaro, com seu jeito confiante...

Mesmo que não mais exista o espaço do nosso amigo, há outros amigos na praça, na praça com seu abrigo, mas, no fundo, a saudade, lado a lado, vem comigo...

Cynthia Theodoro Porto, Restaurante Amigo Fritz, – cynthiatheporto@gmail.com

O Conto brasileiro hoje: volume XXVIII São Paulo: RG Editores, 2015, Verso e Prosa, 2015.

100 anos do Forte de Copacabana

Honorina Fonseca Louseiro, Antologia Histórica Comemorativa, Verso e Prosa, 2015 – Primeiro Centenário do Forte de Copacabana

O Forte Copacabana foi criado por necessidade de reforçar defesas da Baía de Guanabara, na época em que o Rio de Janeiro era a capital do País.

Foi criado em 28 de Setembro de 1914. Hoje, 100 anos depois, o que antes era defesa, hoje é cultura. O Forte abriga um Centro Cultural, que mantém atividades literárias, musicais, teatrais e recreação.

Com a desativação das Baterias de Artilharia de Costa, o general do Exército Leônidas Pires Gonçalves, determinou que a partir de 4 de maio de 1987, fosse criado o Museu Histórico do Exército nas instalações do Forte de Copacabana transformando-o num espaço cultural e, nele destaca-se, a exposição permanente "O Exército na transformação de nacionalidade", com peças

do período Colonial, Imperial e Republicano.

O Museu ainda conta com exposições temporárias, lojas de conveniência, o Café do Forte, uma Biblioteca, o auditório Santa Barbara, onde são realizadas reuniões do Centro de Literatura do Forte, do qual faço parte.

Oficialmente denomina-se Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana, sendo um dos mais belos cartões postais da nossa

cidade. Estou muito feliz em participar deste momento histórico e cultural dos 100 anos do Forte como "Artilheiro da Cultura".

Nossa missão é ativar civismo e cultura para qualquer direção.

É o que fazemos com muito orgulho. Parabéns Forte de Copacabana pelo primeiro centenário.

Rio, 28 de Setembro de 2014.

100 anos do Forte de Copacabana, Honorina Fonseca Louseiro – honolouseiro@hotmail.com
Antologia Histórica Comemorativa – Primeiro Centenário do Forte de Copacabana

O TERRORISMO NÃO É O QUE PARECE

Moisés Naim, Artigo – Estadão, Internacional A 18, 27.06.15

Foi uma sexta-feira de terror. Num hotel da Tunísia, um terrorista assassinou turistas. No Kuwait, um homem-bomba atacou uma mesquita xiita. O Estado Islâmico assumiu a autoria da matança. Na França, uma pessoa foi decapitada numa usina de gás e o suspeito teria vínculos com grupos muçulmanos radicais. Ainda não há evidências de que os atentados tenham sido coordenados. No entanto, são claros exemplos de uma tendência: o terrorismo islâmico é uma ameaça que vem se aguçando. Mas será que esses ataques são a confirmação da teoria do "choque de civilizações",

popularizada por Samuel Huntington no início dos anos 90?

Segundo o professor de Harvard, uma vez esgotado o confronto ideológico entre comunismo e capitalismo, os principais conflitos internacionais surgiriam entre países com diferentes identidades culturais e religiosas. Para muitos, os ataques da Al-Qaeda e as guerras do Afeganistão e no Iraque e o surgimento do Estado Islâmico confirmam esta visão. Mas, na realidade, o que ocorreu é que os conflitos se deram mais dentro das civilizações do que entre elas. Os noticiários e os debates fazem

acreditar que o conflito mais sangrento do século 21 e o entre muçulmanos radicais e os que não o são.

Mas não é assim. As estatísticas mostram que esta é uma visão errada e os terroristas islâmicos assassinaram mais de seus correligionários do que ninguém. A briga entre xiitas e sunitas continua produzindo vítimas, em sua maioria muçulmanos. Por outro lado, também é falso que nos EUA os principais atentados tenham sido cometidos por muçulmanos radicais. São americanos racistas os responsáveis pela maior quantidade de mortes em atos terroristas no país.

As estatísticas são estarrecedoras. Segundo o Índice de Terrorismo Global, em 2013, morreram quase 18 mil pessoas em ataques terroristas – 82% no Iraque, Afeganistão, Paquistão, Nigéria e Síria.

Outro estudo, da New America Foundation, revela que, desde o 11 de Setembro, as 48 mortes causadas por racistas e outros extremistas não muçulmanos nos EUA foram o dobro das provocadas por muçulmanos no país. Além disso, os ataques terroristas nos EUA são relativamente pouco frequentes. O terrorismo não vai desaparecer. O importante é combatê-lo com base em realidades.

100 anos do Forte de Copacabana

Carolina Ramos, Antologia Histórica Comemorativa, Verso e Prosa, 2015 – Primeiro Centenário do Forte de Copacabana

Para quem já viu tanto na vida e atravessou, sem esmorecer, mares encapelados propiciadores de naufrágios sem conta, e pensa que já viu tudo de ruim, dói, (como dói!) e faz sangrar o coração, ver o estado em que se encontra a política do nosso país! É inconcebível o estado calamitoso em que se afunda o nosso querido Brasil, dilapidado, desrespeitado, por quem mais deveria respeitá-lo e de quem tantos iludidos ainda tanto esperam! O que acontece com o nosso povo?! O que acontece com aqueles que, tendo a guarda desta nação, cruzam os braços diante de tanta iniquidade sem se arvorarem em defendê-la?! Pobre Brasil! Pobre "país do futuro", como sempre fora chamado! Onde está esse futuro que hoje se cobre de vermelho, não por ideal, mas por vergonha?! É este futuro

degradante que nos preparam, não mais em surdina, mas às escâncaras?! É este o futuro que pretendem impor goela abaixo, aos nossos filhos, netos e bisnetos?! Como alguém pode conformar-se com esta situação constrangedora de ver nossas iniquidades indecorosas expostas em jornais de além fronteira?! Quem não cora ao ver devassado, lá fora, os crimes e as tramóias, que aqui acontecem sem a menor punição?! Somos um povo corrupto! – é o que às claras se afirma, lá fora, já que, inermes e passivos, nos habituamos a coviver com a corrupção e a sem-vergonhice que nos são impostas! Viramos as costas à consciência nacional e internacional! Acomodados, só procuramos a companhia daqueles que afinam com as nossas ideias mais bisonhas e execráveis!

Melhor seria que esse decantado futuro, não nos chegasse nunca! Pois, de forma jamais sonhada, bem pior e ameaçador é esse nosso previsível porvir, já delineado na reta de chegada!

Será que De Gaulle, com seu olhar frio e penetrante, teria sido capaz de chegar ao cerne estrutural do nosso existencialismo, a ponto de se achar no direito de, publicamente, declarar que "O Brasil não é um país sério"? Vinda de quem veio, rude e desrespeitosa, esta declaração, atribuída ao então presidente da França, tanto incomodou o tanto feriu a sensibilidade de quantos amavam este solo brasileiro abençoado! Chão, bendito, mais verde e fértil a cada dia, a garantir firmeza aos passos de seus filhos! Celeiro farto a alimentar de esperanças os mais sadios sonhos! Tudo com tempo

certo, dentro da convicção de que um dia, chegaríamos lá onde nossos irmãos milenares há muito haviam chegado!

No entanto, nesse espaço de tempo, o que de fato foi feito para desmentir a altivez do, então, presidente da querida e nem sempre *douce France*? Nada! Ou, o que é bem pior, no correr dos tempos, essa constrangedora afirmativa, deselegante, quase uma afronta à nossa brasilidade, vem, ganhando forças, escudada nas evidências que o dia a dia desse nosso pobre país, que mais do que nunca despojado de nobres diretrizes, enfrenta! Manipulado e desrespeitado em suas crenças, bases e ideais! E, o que é ainda mais doloroso de dizer, sem que alguém mexa um dedo para livrá-lo deste caos!

Que Deus nos acuda!

"Meu Brasil... brasileiro", Carolina Ramos – linacaroramos@gmail.com

Antologia Histórica Comemorativa – Primeiro Centenário do Forte de Copacabana